

Cidadania Negada pela Torneira ou pelo Poço: mulheres marajoaras e suas dificuldades para acessar a água em Breves-PA

Ciudadanía Negada por el Grifo o el Pozo: las mujeres marajoaras y sus dificultades para acceder al agua en Breves-PA

Citizenship Denied by Tap or Well: marajoaras women and their difficulties to access water in Breves-PA

Ana Maria Smith Santos
Elizandra Gomes de Lima

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre as dificuldades das mulheres marajoaras residentes no núcleo urbano de Breves-PA de acessar a água, compreendendo tal problema como uma negação de uma cidadania plena. É resultante do estudo de doutoramento em Antropologia Social de uma das autoras e do projeto de pesquisa PIBIC – Prodoutor. As metodologias aplicadas foram a Etnografia e a História Oral, respectivamente, realizadas junto às idosas participantes dos Centros de Referência de Assistência Social municipais nos anos de 2014 a 2018 e em 2019. O debate interpreta o acesso à água como um direito humano e que as mulheres de periferia são as mais atingidas com a água de péssima qualidade. Foi possível identificar as estratégias diárias para adquirir água e realizar suas tarefas, constituindo-se numa problemática constante em suas vidas.

Palavras-chave: Cidadania. Acesso à água. Mulheres Marajoaras.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las dificultades de las mujeres Marajoara que viven en áreas urbanas de Breves-PA para acceder a la agua, que comprende tal problema como una negación de la ciudadanía plena. Es el resultado de un estudio de doctorado en Antropología Social por uno de los autores y el proyecto de investigación PIBIC – Prodoutor. As metodologías aplicadas fueron Etnografía e Historia Oral, respectivamente, llevado a cabo con los mujeres ancianas participantes del Centro Municipal de Referencia de Asistencia Social en los años 2014 a 2018 y en 2019. El debate interpreta que el acceso a la agua es un derecho humano y que las mujeres de la periferia son las más afectadas por la mala calidad del agua. Fue posible identificar las estrategias diarias para adquirir agua y realizar sus tareas, constituyendo un problema constante en sus vidas.

Palabras clave: Ciudadanía. Acceso al Agua. Mujeres Marajoaras.

Abstract: This article aims to reflect on the difficulties of Marajoara women who residents in the urban area of Breves-PA to access water, understanding this problem as a denial of full citizenship. It is the result of a doctoral study in Social Anthropology by one of the authors and the research Project PIBIC – Prodoutor. The applied methodologies were Ethnography and Oral History, respectively, carried out with elderly women participating in the Municipal Social Assistance Reference Centers in the years 2014 to 2018 and in 2019. The debate interprets access to water as a human right and that women from the periphery are most affected by poor quality water. It was possible to identify the daily strategies to acquire water and perform their tasks, constituting a constant problem in their lives.

Keywords: Citizenship. Access To Water. Marajoaras Women.

Ana Maria Smith Santos – Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social (CUMB/UFPA). Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Educação, História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Assistente Social pela UFPA. E-mail: anasmiths@ufpa.br

Elizandra Gomes de Lima – Graduanda do 7º semestre da Faculdade de Serviço Social Campus Breves, é bolsista PIBIC PRODOUTOR/2019. E-mail: lillydelima.ldl@gmail.com

INTRODUÇÃO

O acesso à água no Marajó-PA tem sido pauta de debate no meio acadêmico, porém com poucas produções. Durante a tese e a execução do PIBIC/PRODOTOR (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador), iniciado em agosto de 2019, nossas hipóteses foram confirmadas. Identificamos que o público mais afetado na dificuldade em acessar a água de qualidade tem sido as mulheres. Neste artigo, mostraremos as experiências de quatro idosas residentes no núcleo urbano de Breves-PA, mesorregião do Marajó, e suas pelepas na busca pela água na região.

Os relatos colhidos trouxeram uma realidade vivenciada pelas depoentes que, por vezes, estavam cheias de emoções, lembranças remotas de um cotidiano tão próximo de muitos brevesenses. Reviver suas estratégias para adquirir a água também permitiu conhecer um pouco do passado no qual a cidade foi estruturada.

Para a escrita do artigo, tivemos como referências autores que nos possibilitaram compreender a correlação entre a água e a mulher, bem como analisá-la observando que a sua negação pode afetar diretamente pessoas de classe subalterna e de um determinado gênero, como no caso as mulheres no usufruto da cidadania. São eles: Gallo e Navarro (2018); Filho e Oliveira ([s.d.]).

O texto está dividido em três seções, além desta introdução e as Considerações finais. A primeira traz um diálogo entre a questão de gênero e o debate a respeito da água para o alcance da cidadania; a segunda apresenta um contexto de Breves e o Marajó em sua parte ocidental; e a terceira exibe relatos e reflexões quanto às dificuldades das mulheres brevesenses em acessar a água.

1. Gênero e o Debate sobre a Água e Cidadania

Os direitos humanos e o debate da cidadania podem ser associados ao acesso às políticas públicas. Um estudo desenvolvido pelo BRK Ambiental e Instituto Trata Brasil ([s.d], p. 2) aponta que ter acesso à água tratada e ao saneamento faz parte dos direitos humanos defendidos pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) já de longos tempos.

Ainda segundo esse Documento desenvolvido pela BRK e Instituto Trata Brasil, o tema passou a ser associado ao debate de gênero e teve como um marco a Assembleia da ONU em 2016. Assim: “a igualdade de políticas públicas requer que se considere as necessidades materiais e estratégicas das mulheres” (BRK; INSTITUTO TRATA BRASIL, [s.d], p. 2), no que diz respeito à questão de cuidado com o seu ciclo menstrual e às responsabilidades atribuídas às mulheres de ter que realizar as tarefas domésticas, além do zelo com os membros da família.

O estudo, ao mesmo tempo, aponta que devido a essas responsabilidades com a limpeza doméstica e, até mesmo, por suas ocupações que estejam atreladas aos serviços domésticos, as mulheres são mais propícias às contaminações por uma água com dejetos humanos, por exemplo.

Gallo e Navarro (2018) explicam as representações construídas ao longo da história entre a mulher e a água, para isso, citam Fortes Júnior (2006), tecendo as seguintes considerações: “O autor discute que a associação entre o corpo e a água é tema de formulações poéticas dentro da história da arte, quer seja como simbologia da água como elemento fundamental para a vida.” (Fortes Júnior, 2006, *apud* GALLO; NAVARRO, 2018, p. 170). A título de exemplo, aludem as figuras mitológicas femininas ligadas à água, como: a Iemanjá, as sereias e as ondinas.

Em seguida, referem que os significados atribuídos na relação entre a mulher e a água não se restringem aos papéis sociais: “Por conseguinte, a água está presente na vida da mulher não apenas [...] [nos]: afazeres domésticos, beleza ou parto [...] [elas] se completam na literatura, cultura, na religião e até na arte” (GALLO; NAVARRO, 2018, p. 170). Continuam mostrando os avanços no debate de gênero, entretanto existem dados da ONU em 2016, os quais apontam o tempo gasto pelas meninas e mulheres na coleta deste recurso.

Assim, “em 2016, durante a Semana Mundial da Água, em Estocolmo, na Suécia, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) declarou que mulheres e meninas do mundo gastaram 200 milhões de horas por dia coletando água” (ONU, 2016 *apud* GALLO; NAVARRO, 2018, p. 173), o que em determinados lugares pode ser perigoso devido ao percurso longo caminhado quase diariamente. Assim: “muitas das vezes, as mulheres e as crianças se tornam vulneráveis à violência a aos abusos sexuais, durante o percurso da coleta de água.” (Neves-Silva e Heller, 2015 *apud* GALLO; NAVARRO, 2018, p. 174).

A partir destes dados, reforça-se o debate sobre a íntima relação entre as necessidades da família e a naturalização dada pela sociedade de que isto deve ser tarefa feminina. Observando a realidade brasileira e seus déficits quanto ao acesso ao saneamento, os impactos negativos podem ser mais sentidos pelo sexo feminino, incluindo as meninas, as adultas e as idosas. Fato que será debatido com mais profundidade nas próximas seções.

2. O Território e suas Contradições

A cidade de Breves possui pouco mais de 100.000 habitantes, estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para 2019. O acesso à cidade dá-se por meio hidroviário. A distância calculada em média é de 12 horas de navio de Belém-PA e 12 horas de Macapá-AP. Situa-se às margens do Rio Parauaú, porém, apesar da facilidade em acessar a água, nem todas as localidades dispõem deste recurso em estado potável.

No quesito território e ambiente do IBGE, o município apresenta dados com marcas de desamparo social: “6.1% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 13.6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 2.9% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).” (IBGE, [s.d.]).

Breves é um município do arquipélago do Marajó (parte ocidental) cercado por água, como foi dito anteriormente, porém, contraditoriamente, em boa parte não é apropriada para o consumo. Existem áreas no bairro centro e na periferia que não há possibilidade de se ter poço artesiano devido ao excesso de ferro em formato de ferrugem presente na água. A Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA), por sua vez, não tem cumprido com a obrigação de realizar a distribuição de água nos bairros mais afastados do centro. De acordo com Smith-Santos (2019, p. 26):

Para adquirir água, muitas famílias brevesenses, principalmente as mulheres, precisam agir logo cedo. Isso depende do bairro, pois atualmente há uma certa regularidade¹ de distribuição no bairro centro pela Companhia de Saneamento do Pará - COSANPA (que não é de boa qualidade), porém em áreas de periferia as famílias usam água fornecida por carro-pipa (da prefeitura e de um político in-

¹ Dizemos certa regularidade por ser relativa a oferta de água, uma vez que no mês de setembro de 2018 o núcleo urbano passou por um racionamento de água por aproximadamente cinco dias, pois ocorreu problemas com a bomba de distribuição, afetando a grande maioria dos bairros brevesenses.

fluente na cidade), também utilizam água de córregos poluídos, ou ainda, procuram casas em que os vizinhos lhes concedem a retirada de seus poços artesianos.

Rocha (2017), citada por Smith-Santos (2019, p. 104), possui um estudo contemporâneo a respeito do abastecimento de água em Breves-PA, e, com base no relatório do Movimento pelo Direito ao Uso da Água (MDUA) de 2015, revela as dificuldades diárias dos moradores locais: “o abastecimento de água é restrito aos moradores do bairro Centro e no bairro Riacho Doce, porém a distribuição de água ocorre em período máximo de três horas por dia, e nos bairros mais afastados do centro este período diminui menos de uma hora.” (Rocha, 2017, p. 81 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 104).

Ainda de acordo com Rocha (2017, p. 75): “apesar de existirem oito bairros na área urbana de Breves, e existirem redes de água passando por todos eles, o sistema de abastecimento de água de Breves atende apenas os bairros centro e riacho doce”. Segundo a autora, a população dos demais bairros “utiliza soluções próprias” para conseguir água.

Smith- Santos (2019, p. 103) aponta:

No Plano Municipal de Assistência Social triênio 2013-2016, as informações do abastecimento de água mostram a precariedade do serviço público: “de acordo com a Companhia de Saneamento do Pará – COSANPA o número de ligações ativas de água na cidade é de 5.423 e as clandestinas 1.800 aproximadamente” (SEMTRAS 2013: 14). Esse número significativo de ligações clandestinas parece ser o resultado de uma não priorização do serviço aos mais empobrecidos.

Durante a pesquisa de doutorado e a pesquisa do PIBIC, na medida em que realizávamos a incursão em campo nos bairros de periferia, era possível observar a população realizando a tarefa de fazer as ligações clandestinas da rede pública. Pode-se ter como explicação o fato de que as famílias vão crescendo ou se mudando e necessitam da água, porém a COSANPA não supre essa necessidade tão fundamental no dia a dia de uma família.

Foi possível identificar casos de bairros em que o abastecimento não satisfaz a necessidade de todos. Fato relatado por algumas idosas residentes há mais tempo no Riacho Doce e na Cidade Nova², que são obrigadas a buscar água em outras residências ou em escolas com poço artesiano.

Já na pesquisa do PIBIC, em uma das visitas em campo, percebemos um movimento cedo da manhã de mulheres idosas em frente às suas casas estendendo roupas ou varrendo seus quintais. Parte do seu tempo diário está destinada a dedicar-se aos afazeres domésticos e no cuidado com seus familiares, isso implica utilizar a água em diferentes tarefas.

Nos bairros de Breves, atualmente, a distribuição de água pela COSANPA é bastante falha. Torna-se comum ao transitarmos pela cidade vermos pessoas em motos ou carros de mão transportando galões de água para consumo ou para venda, além dos carros-pipa que abastecem alguns bairros de periferia. Há também escolas municipais ou espaços públicos fornecedores de água aos populares residentes em suas proximidades. Ao mesmo tempo, algumas famílias com mais condições financeiras costumam deixar torneiras acessíveis aos seus vizinhos ou àqueles que buscam tal recurso.

Os moradores de bairros que são supostamente amparados pela Companhia de abastecimento enfrentam duras rotinas em busca de armazenar este bem, como, por exemplo, ter que acordar

²Bairros de periferia do município.

de madrugada para encher suas caixas d'água. Assim, em busca de compreender melhor os problemas que as mulheres enfrentam, fizemos as entrevistas em suas residências.

3. Água da Torneira ou do Poço: relatos de dificuldades e exclusão

As idosas acompanhadas na pesquisa nos relataram fatos em suas vidas os quais são marcas do descaso praticado há anos no município. Os brevenses, outrora jovens recém-chegados no núcleo urbano, foram crescendo com o encargo de uma rotina dura na providência por este bem precioso.

Na pesquisa de tese, foi possível identificar casos de bairros em que o abastecimento não satisfazia a necessidade de todos. Para este artigo, foram selecionadas três idosas acompanhadas na elaboração da tese, acrescida de outra, que foi entrevistada durante a pesquisa PIBIC/PRODOTOR 2019³; são elas: D. Vera⁴, de 71 anos, D. Jesus, de 81, D. Rosa, de 71 anos, e D. Mara, de 73 anos, respectivamente. São mulheres moradoras no núcleo urbano do município há mais 20 de anos, aproximadamente – todo esse tempo residindo em bairros periféricos.

Para compreendermos as dificuldades e os desafios enfrentados ao longo da vida dessas mulheres, foi necessário ouvir e registrar seus relatos orais, a fim de analisar as formas de violação de direitos a qual estão submetidas e transcrever o que nos foi transmitido por meio dos sentidos. Para Queiroz (1987, p. 36), “[...] o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível.”

Em meio a esse processo, faz-se necessário conhecer a história contada por elas, sabendo que por intermédio destas obteremos conhecimento de como a dificuldade de acesso à água se atualizou ao longo dos anos. Assim, através das narrativas das mulheres que contribuíram para este trabalho, será possível evidenciar as formas de exclusão a qual estão sujeitas.

A partir dos relatos colhidos durante a pesquisa de tese e o projeto do PIBIC, foram evidenciadas muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres marajoaras em obter acesso à água. No projeto de pesquisa PIBIC de 2019, foi possível colher o relato de D. Mara. A interlocutora salienta que sua mudança para o núcleo urbano não ocasionou uma garantia de acesso à água, mas tornou mais claro os seguintes problemas:

A gente pegava água nos baldes, era eu, meus filhos, meu primeiro marido pegava água lá. Até inclusive que tem uma mulher que se chama “Maria” para ela (...). A gente ia, era ela que morava lá numa casinha velinha sabe igual a minha, aí a gente pegava água lá, com muitos meses depois aí conseguiram passar a água [...]. (D. Mara, 2019).

Antes de ter acesso por meio de sua vizinha aos serviços da COSANPA, há aproximadamente uns 17 anos, D. Mara e sua família dependiam do que ela denomina por “ajuda” de pessoas conhecidas para conseguir água, haja vista estar em situação de extrema pobreza e não ter condições de pagar para perfurar um poço. Continua relatando as suas pelejas e a de seus vizinhos: “nós saíamos três horas da madrugada, todo mundo tinha que ir, chegava lá a gente fazia três filas com

³ Este projeto está sob o título: “A Luta pelo Acesso à Água em Breves Marajó-PA: um estudo pautado na história de mulheres idosas e suas narrativas”.

⁴ Os nomes das idosas são fictícios para preservar o sigilo de suas identidades.

os baldes, tinha casa que davam dois baldes, de lá tinha que beber, lavar tua roupa, o dia todo.” (D. Mara, 2019).

Outro fator a ser destacado é a quantidade que lhes era fornecida ser limitada a dois baldes por pessoa, levando em consideração que a água é utilizada para várias funções domésticas e consumíveis, logo, é impossível suprir todas as necessidades humanas com esta pequena quantia em litros. É importante evidenciar que além da disponibilidade de água ser pequena e da dificuldade enfrentada em adquiri-la, há a possibilidade de ter riscos relacionados à saúde quando não há uma política de planejamento da gestão municipal de perfuração de poços ou mesmo de distribuição adequada de água aos munícipes.

A matéria *on-line* intitulada “Estudo evidencia os impactos da falta de saneamento básico na vida das mulheres brasileiras”, publicada no site do Instituto Trata Brasil, explica-se:

[...] a falta de acesso à água tratada e ao esgotamento sanitário é uma das principais causas de incidência de doenças diarreicas, que levam as mulheres a se afastarem 3,5 dias por ano, em média, de suas atividades rotineiras. O afastamento por esses problemas de saúde afeta principalmente o tempo destinado a descanso, lazer e atividades pessoais. Meninas de até 14 anos são as maiores vítimas desse quadro, com índice de afastamento por diarreia 76% maior que a média em outras idades (132,5 casos de afastamento por mil mulheres contra 76). Já no caso da mortalidade, o déficit de saneamento é mais perigoso para a mulher idosa, que corresponderam a 73,7% das mortes entre as mulheres sem acesso ao saneamento. (FILHO; OLIVEIRA, [s.d., s. p]).

Sem água, uma família inteira pode sair prejudicada, entretanto, os impactos visivelmente se apresentam nas mulheres, como mencionado anteriormente, em especial as idosas, que possuem mais incidência a adoecer devido à inexistência de saneamento básico e ao acesso precarizado a uma água que pode não ser potável, provocando patologias capazes de levar à mortalidade senil.

Atualmente, D. Mara reside às margens do Igarapé do Bairro Cidade Nova II, no município de Breves, furo utilizado pelos moradores da localidade para retirar a água que será armazenada para o consumo diário.

A água entra suja no Igarapé porque vem da margem do rio que é pertinho. Todo mundo bebe daqui [sua família e vizinhos]. Muitos daqui puxam para terra a água daqui, tem cano aqui na beira dessa minha casa, imensidade de cano que o pessoal puxa. Eles vêm, ligam a bomba aí nas vizinhanças. E aí é a mesma coisa, aí que é a levantada tudo de água [aponta para o Igarapé] e aqueles que não podem botar bomba carregam na cabeça quando enche [a maré], porque a gente só enche água aqui na enchente, na vazante só se for para lavar uma casa, botar num chiqueiro de porco, porque ela vem descendo. Essa água vem descendo, ela vem lá de cima e esse Igarapé que passa aqui ele faz fundo lá no cemitério. Aí então é por isso que a gente só enche na enchente porque vem normal do rio aí a gente enche todos os baldes [...]. (D. Mara, 2019).

As pessoas residentes em torno do Igarapé do bairro Cidade Nova II enfrentam tais dificuldades por necessitarem da água para infinitas funções, inclusive para consumo. Mulheres como a

D. Mara realizam as técnicas que conhecem de tratamento dessa água em casa. Apesar de possuir poucos locais de armazenamento, improvisa para não ficar sem água.

A dificuldade que eu tenho, porque eu tenho pouca vasilha, eu ainda não comprei uma caixa para mim depositar, né? Aí eu só coloco nos baldes, mas eu limpo eles e o balde que eu deposito ou coo [filtro] água para beber, para fazer comida está separado, quando está sentando que é para fazer a alimentação do outro lado [...]. (D. Mara, 2019).

Outro obstáculo enfrentado é a inexistência de bomba elétrica em sua residência, visto ser necessária a realização do trabalho braçal, como D. Mara menciona nos relatos a seguir ao perguntarmos sobre a forma utilizada para captação da água: “Não tenho bomba, eu encho no braço mermo. É no braço, eu encho lá os baldes e carrego para dentro de casa [risos]. É assim.” (D. Mara, 2019).

Em relação aos serviços prestados pela Prefeitura Municipal de Breves (PA) em seu bairro, ela relata estar insatisfeita tanto com a situação da água quanto com as demais políticas públicas inacessíveis onde reside: “(...) Não, não tá bem completo, aí então é isso minha filha que eu acho, né? Eu acho uma dificuldade nisso, para nós que somos carentes nós precisamos de tudo [...]” (D. Mara, 2019).

Em seguida, relata as problemáticas que sua filha passa por residir no mesmo bairro, mas num local mais afastado da beira do Igarapé, e, consternada, a interlocutora expressa-se: “muitas das vezes, a minha filha, para ela não morrer de sede ela compra um garrafão de água. Quando não, ela se envergonha a ir lá naquela escola a pedir de lá [...]. Então é por isso que eu digo, será que esse prefeito não enxerga que as pessoas tão quase morrendo de sede? [...]” (D. Mara, 2019).

No município, a situação da água é precária, não havendo estratégias municipais de intervenção na não efetivação da política de saneamento básico, e apesar de existirem os serviços da COSANPA, a empresa não atende nem a metade da população que reside na zona urbana do município. De acordo com informações do Relatório Final nomeado de Levantamento da Rede de Atendimento à Criança e ao Adolescente em Breves – PA (2013-2017) encaminhado ao Ministério Público do Pará em 2018:

A sede do município de Breves, segundo a Lei nº 2.195/2009, é composta por sete bairros: Cidade Nova, Santa Cruz, Riacho Doce, Jardim Tropical, Parque Universitário, Castanheira e Centro, e conforme os dados acima é possível perceber que na área urbana apenas 9,4% dos domicílios possuíam saneamento adequado, concentrando-se percentual elevado, 87,3% com saneamento semia-dequado. Ainda segundo dados do Censo, apenas 42,9% desta população tinham acesso à água potável em pelo menos um cômodo da residência; com relação à rede de esgoto adequada (geral ou fossa séptica), apenas 11,7% possuíam acesso ao serviço. (MPPA, 2018, p. 12).

Os dados acima apontam que o município, além de não efetivar a política de saneamento básico de maneira adequada, 42,9% da população tinham acesso à água potável, ou seja, a maioria da população não tem acesso a essa água, estando à margem da sociedade, em situação de vulnerabilidade social e econômica, ressaltando que os principais atingidos são as mulheres marajoaras, as quais estão mais expostas à desigualdade social e a múltiplos problemas sociais.

Em um material disponibilizado *on-line* pelo BRK Ambiental e do Instituto Trata Brasil, com o título *Mulheres & Saneamento*, tem-se ricas informações a respeito da desigualdade de gênero e o direito a água, como bem sintetizado no trecho abaixo:

As desigualdades de gênero ocorrem em todos os estágios da vida da mulher, da sua infância à sua velhice. Por isso é tão importante dar atenção às necessidades especiais das mulheres com relação ao direito à água e ao esgotamento sanitário nas diferentes fases de sua vida. É fundamental observar que a desigualdade de gênero no acesso aos serviços de água e de coleta de esgoto afeta também outros direitos humanos, como o direito das mulheres à saúde, segurança, moradia adequada, educação e alimentação. (Apresentação. *Mulheres & Saneamento*, [s.d], p. 2).

Dessa forma, a mulher é brutalmente violada em relação a todos os âmbitos de sua vida, pois o não acesso à água e as dificuldades enfrentadas para se ter esse bem acarretam prejuízos às outras áreas da vida, pois o tempo em que ela poderia estar estudando, trabalhando ou dedicando-se ao seu bem-estar, é ocupado com a busca e aborrecimentos por algo que deveria ser fornecido mediante a efetivação da política de saneamento básico.

É possível notar que os conhecimentos de tradição ribeirinha da moradora lhe auxiliam no que ela denomina de “prática da água” – momentos exatos e adequados em que ela pode armazenar a água em seu momento de enchente. Essa é uma das estratégias utilizadas ao consumir a água do Igarapé, como também as demais mencionadas neste relato:

[...] Quando ela [a maré] enche é mais quem fica tomando banho, a criançada vem tomar banho aí, só também que nós fazemos isso, nós não aceitamos sanitários na beira do Igarapé, nós não aceitamos jogar muito lixo no Igarapé, [os vizinhos já têm um acordo?] Já toda a vizinhança. Quando começam a jogar saca no rio, a gente sai para procurar as pessoas, aí para reclamar e chamar a polícia, os conselheiros para ir lá para eles ajuntarem, ou jogar para terra, queimar, ou então juntar e jogar no carro do lixo. Por causa que a água aqui a gente pertence aqui para beber, e a gente toma também, a gente trata e toma também. (D. Mara, 2019).

Desse modo, é notório no relato da entrevistada o sentimento de pertencimento comunitário que os moradores possuem. Há uma espécie de acordo coletivo de proteger e preservar a água do Igarapé, um bem comum usufruído por todos. Como também é possível identificar o quanto essas águas são importantes para a vida local.

Para refletir as dificuldades de acesso à água, trouxemos também as narrativas seguintes, que foram extraídas da pesquisa de tese de uma das autoras. A exemplo de D. Vera, é uma senhora de 66 anos residente no bairro Riacho Doce, concedeu-nos suas entrevistas⁵, bem como acompanhamos seu cotidiano nos espaços do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) ou em sua residência. A rede de abastecimento chega até a sua casa, porém não existe uma regularidade nos horários de fornecimento; além disso, a água que consegue acessar é de péssima qualidade. Assim, necessita da boa vontade de vizinhos ou conhecidos donos de poços artesianos.

⁵No contexto da elaboração da tese de uma das autoras.

Seus filhos adultos, ao se casarem, procuraram morar em locais mais estratégicos, a fim de evitar uma dura rotina. Em seu depoimento, citou receber conselhos de uma filha para que busque se mudar para outro bairro devido à necessidade diária de água, contudo não pretende sair do bairro, cujas raízes foram criadas ao longo dos anos residindo lá.

Justifica-se com a seguinte frase: “Eu não sei o que eu vou encontrar em outro lugar” (D. Vera, 2018 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 103). Parece estar descrente de que em outros bairros estejam melhores que onde reside. O problema de abastecimento da água em Breves vem de longa data, e, a este respeito, Smith-Santos (2019, p. 104) cita Dione Leão (2018, p. 72-73):

Com relação ao fornecimento de água, em 1954, documentos da Câmara Municipal de Breves apontaram para um preliminar levantamento topográfico para a construção do abastecimento de água encanada na cidade, pois até então a água consumida pela população para beber e cozinhar vinha, na sua maioria, de um poço existente no hospital da cidade, que cedia diariamente para os moradores porções (latas) de água.

A partir do descrito pela autora citada, evidencia-se que a dura rotina encarada pelos moradores foi constituída na história do município. O trecho extraído de sua obra mostra também o costume forçado aos munícipes em conviver com o fracionamento da água em seu cotidiano. E assim continua:

Parte da população amontoava-se em moradias precárias, em cima de terrenos alagadiços no centro da cidade e nas periferias, praticamente sem água tratada, sem condições sanitárias satisfatórias, ficavam vulneráveis às contaminações e à possibilidade de expansão de epidemias. (Leão, 2018, p. 72-73 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 104).

De certo que ocorreram melhoras no saneamento em solo brevesense desde os anos de 1950, porém essas evoluções não são suficientes para atingir todos os moradores. Outro relato de D. Vera mostra como era a paisagem do bairro Riacho Doce nos idos de sua mudança para o núcleo urbano: “Nesse tempo do Gervásio ⁶, eles retiraram em massa [...] era só um caminhozinho, só Igapó, um bocado de mulheres tirou terreno.” (D. Vera, 2016 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 108). Apesar de atualmente o bairro estar com a paisagem modificada, ainda existem vias necessitadas de um sistema de esgoto e saneamento adequado. A interlocutora expressa, do seu jeito, uma compreensão da correlação entre a ausência de planejamento e os fatores que levaram seus vizinhos a se mudarem do bairro em que presenciou seu crescimento.

No relato a seguir, narra que estar em dia com o pagamento da conta de água não é uma garantia de conseguir acessá-la no município:

Muitos se foram [...]. Se mudam e vão embora, trocaram muitos, aqueles vizinhos de lá, só nós que seguramos lá, por causa da água, mais por causa da água [se mudaram] [...] Tem tempo que dá, passei muito tempo pegando água e nunca que dava água, pois receberam o papel que não pagou e não vinha, agora que começou a dar de novo. (D. Vera, 2016 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 108).

⁶Gervásio Bandeira Ferreira exerceu o cargo de prefeito de 1996 a 2000 e era filiado ao PMDB, atual MDB.

Tanto na etnografia realizada na pesquisa de tese quanto na pesquisa do projeto PRODOUTOR, identificamos que a necessidade da água pode contribuir para fortalecer os laços comunitários entre os moradores, quando as famílias com mais dificuldades conseguem ser amparadas por outras que dispõem de poço artesiano. Entretanto, a alternativa de cavar poços artesanais não é possível para todos, existem fatores a influenciar para que nem todas as famílias possam usufruir desses recursos, são razões econômicas ou ainda por questões físicas do local, uma vez que há um problema no solo de seus bairros ao serem inapropriados para a perfuração de poços.

Nas narrativas, ouvimos casos de rivalidades, e algumas idosas relataram situações de precisar solicitar água para pessoas não muito amistosas. A exemplo de D. Jesus, residente há mais de 30 anos no núcleo urbano de Breves, no bairro Cidade Nova.

Quando vim para cá, para a rua Gurupá, era tudo feio, tudo cheio de serragem, só ponte. Não tinha muita casa como tem agora, com o tempo foi melhorando, né? Quem viu antes e quem vê agora, né? Aqui era poço mesmo para pegar água, mas não era da minha casa. Quando a minha mãe morava aqui, eu precisava trabalhar, a gente se acordava três horas, quatro da manhã, se levantava, eu pegava umas vasilhas que tinha e ia encher água para deixar para a mamãe, porque se deixasse para de manhã eles trancavam o poço. Aí quando foi um dia eu disse para mim mesma: “eu ainda vou fazer um poço para mim para acabar com esse sofrimento”. (D. Jesus, 2018 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 113).

Na sua última entrevista, fez questão de mostrar seu poço conhecido como de “boca aberta”. Ela usa bomba d’água para encher sua caixa, porém relatou não servir para beber e fazer comida. Quando consumia a água de seu poço, sofria de crises intestinais, por essa razão passou a buscar água em uma escola localizada em frente à sua casa.

Outra idosa acompanhada na etnografia foi D. Rosa. Quando indagamos a respeito do acesso à água, nos explicou, indignada, comparando o tempo em que está na cidade e a condição que ainda se encontra a esse respeito. Para ela, só conseguiu ter acesso quando buscou, por conta própria, adquirir a tubulação para ligar a rede de distribuição até a sua residência. A narrativa a seguir aponta outro problema vivenciado com a falta de saneamento:

A nossa casinha era velha, velha [...]. Era só eu com o velho e o outro filho, quando dava água lançante vinha tudo no fundo, peixinho chega ficava boiando no jirau⁷. Aí nós pelejamos, pelejamos: “vamos embora velho, consertar nossa casa!”. Compramos telha, compramos tábuas, o velho ainda enxergava⁸, a telha aproveitamos, compramos tudo, daí mandei fazer por cima da casa velha. Daí levantamos a casa, agora não enche mais, só lá no quintal. (D. Rosa, 2018 *apud* SMITH-SANTOS, 2019, p. 114).

Considerou este feito realizado junto com seu esposo como uma vitória com a melhoria da vida. Queixa-se apenas do lixo que seu próprio filho costuma jogar na água, pois reside ao seu lado e D. Rosa se vê obrigada a limpar o quintal no período não chuvoso.

⁷ Jirau significa: “estrado de grade de varas sobre forquilhas cravadas no chão e que serve para guardar utensílios”. Disponível em: <http://www.dicio.com.br>

⁸ Atualmente seu marido é deficiente visual.

As diferentes narrativas nos remetem que os problemas de abastecimento de água não se restringem à região marajoara. Souza-Fernandes (2018) alude as diversas exclusões pelas quais mulheres da América Latina sofrem, o que levou as bolivianas e as mexicanas a iniciarem guerras em seus respectivos países em prol da água. Na Bolívia, a insurreição ficou conhecida como: “Guerra del Agua de Cochabamba” (UDAETA, 2001, *apud* SOUZA-FERNANDES, 2018, p. 187), já no México o movimento foi liderado pelo: “Exército Zapatista de Mulheres em Defesa da Água” (GOMÉZ-FUENTES, 2018 *apud* SOUZA-FERNANDES, 2018, p. 190).

Para a autora, o protagonismo dessas mulheres impulsionou outras mulheres latino-americanas a seguir na luta pela água. Assim, foi registrado na Agenda 21 Global (1992), em seu capítulo 18, “O manejo dos Recursos Hídricos baseia-se na consciência da água como parte do ecossistema, recurso natural e bem econômico e social” (Agenda 21 Global, 1992 *apud* SOUZA-FERNANDES, 2018, p. 191). Isto significa o olhar que as gestões devem ter quanto a este recurso tão precioso à população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos orais e a experiência etnográfica nos possibilitaram compreender parte do problema enfrentado pelas mulheres marajoaras. O exercício desenvolvido permitiu às pesquisadoras visualizarem a importância na promoção de estudos os quais possam desvelar a realidade local brevesse.

Nos esforçamos em reproduzir as narrativas das idosas e tentamos respeitar seus entendimentos e considerações quanto ao seu cotidiano, suas vivências e impressões sobre seus problemas sociais. Tais narrativas são reveladoras do descaso histórico pelos quais os moradores locais enfrentam e, ao mesmo tempo, nos mostram que pouco tem sido feito pelos gestores municipais em ações de políticas públicas.

O título do ensaio traz uma reflexão: “cidadania negada pela torneira ou pelo poço”. A intenção do apontamento foi de podermos refletir sobre que tipo de cidadania a sociedade marajoara está com dificuldades de alcançar? Diante do observado, foi possível constatar que este bem fundamental para o cotidiano acaba sendo um dos empecilhos para o alcance pleno da cidadania, uma vez que, mesmo pela torneira (rede de abastecimento) ou pelo poço, há inúmeras dificuldades para os breveses da classe subalterna adquirirem.

O texto não tem a intenção de dar por encerrada a discussão, pelo contrário, inicia um debate necessário que precisa de aprofundamento sobre o que ocorre em solo brevesse. Com o que foi observado e narrado, identificamos que as mulheres são alvo desta exclusão pela íntima relação que possui com a água desde a tenra idade até a sua velhice. Suas queixas são fundadas nos longos anos vividos na mesma peleja.

A cidadania, portanto, precisa ser ampla, compreende-se que o acesso básico de suas necessidades inclui também conseguir usufruir todos os dias de água potável, algo que, pelos seus relatos, não é fácil de adquirir. Todas as idosas presentes nesta pesquisa expressam o desejo por uma água que poderia ser um dos meios para contribuir com melhorias de suas vidas e de suas famílias. Cabe aos gestores estenderem suas ações em prol de facilitar a vida destas cidadãs, ansiosas por uma vida menos pesada e excludente.

REFERÊNCIAS

- BRK AMBIENTAL / INSTITUTO TRATA BRASIL/SD. Apresentação. In: *Mulheres & Saneamento*, p. 2-3, [s.d.]. Disponível em: <https://mulheresesaneamento.com/>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- FILHO, Rubens; OLIVEIRA, Gabriela. Estudo evidencia os impactos da falta de saneamento básico na vida das mulheres brasileiras. *Trata Brasil: Saneamento e Saúde*, [s.d.] Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/pesquisa-mulher/release.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- GALLO, Nathalie Cristine; NAVARRO, Anna Carolina L. Mulher e Água: definições e novas representações. *Labor & Engenho*, Campinas, SP, v. 12 n. 2, p.166-181, abr./jun. 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/labore.v12i2.8652742>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Breves: Panorama*, [s.d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/breves/panorama>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ (MPPA). *Levantamento da Rede de Atendimento à Criança e ao Adolescente em Breves – PA (2013/2017): relatório final* / Brenda Corrêa Lima Ayan, Danielly Laurentino Damásio, Mônica Rei Moreira Freire. Belém: Ministério Público do Estado do Pará. Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude, 2018. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/14/Relatorio%20de%20Breves.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: “Do indizível ao Dizível”*. Centro de Estudos Rurais e Urbano. Departamento de Ciências Sociais. FFLCH. – USP: 1987. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=do_c_download&gid=38. Acesso em: 09 nov. 2019.
- ROCHA, Caroline Silva Nepomuceno. *Desafios para a universalização do abastecimento de água no município de Breves-Pará*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- SMITH-SANTOS, Ana Maria. *Mulheres idosas entre bordas e agências: migração, política pública de assistência social e sociabilidade (Marajó-PA)*. 2019. 288 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- SOUZA-FERNANDES, Luciana. Água: um olhar Feminino. *Labor & Engenho*, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 182-196, abr./jun. 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/labore.v12i2.8652742>. Acesso em: 08 nov. 2019.